

MARIA SIMONE MARINHO NOGUEIRA

A METÁFORA DO OLHAR EM NICOLAU DE CUSA

Dentre todos os sentidos, o olhar, ao longo da História da Filosofia, talvez tenha sido o mais discutido, o mais estudado, o mais condenado, o mais exaltado, o mais privilegiado. Desde a origem da Filosofia até os nossos dias, a questão do olhar tem sido uma questão primeira e importante. Por isso, permitimo-nos fazer uma breve digressão sobre o olhar, antes de mirarmos a Filosofia cusana.

Platão, na conhecida alegoria da caverna, expõe a operação do olhar, como afastamento necessário do sensível e aproximação mediatizada das idéias. Em o *Timeu* — cujas partes chegaram à Idade Média na versão de Calcídio — no que toca a formação do homem, está posto em 45b «Os primeiros órgãos que eles (deuses) fabricaram, foram os olhos portadores de luz»¹. Num outro diálogo (considerado apócrifo por alguns estudiosos) — *Primeiro Alcibíades* — quando Sócrates discute com Alcibíades sobre o cuidado com a alma que significa o aperfeiçoamento de si mesmo, utiliza a metáfora do olhar. Em 133a-c Sócrates pergunta: «Que coisa haveremos de olhar para que vejamos a nós mesmos?»². A resposta de Alcibíades é o espelho, a de Sócrates, os olhos; e remetendo à visão, conclui: «Essa parte é realmente divina e quem a olha descobre o sobrehumano, o divino, e, assim conhece melhor a si mesmo (...) Olhando a divindade, nos servimos do melhor e nele nos vendo, conhecemo-nos melhor(...)»³.

¹ Platon, *Sophiste, Politique, Philèbe, Timée, Critias*, E. CHAMBRY (trad. et notes), Paris, 1969.

² Platão, *Sofista, Político, Apócrifos ou Duvidosos*, C.A. NUNES (trad.), Belém, 1980.

³ *Ibidem*, 133a-c.

Aristóteles, por sua vez, abre a *Metafísica* afirmando que todos os homens, por natureza, desejam conhecer e que a prova disso é o prazer causado pelas sensações⁴. Dentre estas, o prazer causado pelas sensações visuais é o mais importante. Também para Plotino, o olhar ocupa um lugar eminente, desde o seu primeiro tratado — Sobre o Belo — onde é afirmado que o Belo dirige-se principalmente à visão; até a união mística com o Uno, onde o filósofo pagão afirma em VI 9, 11: 4-6: «Havendo sido, pois, o vidente e o que ele via, não duas coisas, senão uma (não como quem vê, senão como quem se une), se este quer recordar aquela união, conserva dela imagens em si mesmo»⁵.

Importante no que toca ao conhecimento, por Aristóteles; elevado à categoria de divino por Platão e Plotino; «rebaixado» à tentação por Agostinho (conforme relato no Livro X das *Confissões*)⁶, tentação medonha, uma vez que usamos o termo olhar para designar outros sentidos e outras tentações; tanto que as Sagradas Escrituras chamarão o conjunto de experiências que nos vêm pelos sentidos de concupiscência dos olhos⁷; retomado, nessa mesma direção por Antônio Vieira que afirmava que nos olhos estão compreendidos todos os sentidos. Por fim, infernais, sob a ótica de Sartre, já que o olhar do outro, no dizer do filósofo francês, sempre me coisifica. Desse modo, entre a carne e o espírito, entre o divino e o humano, entre o conhecimento e o deleite, entre a contemplação e a coisificação, o olhar oscila entre dois pólos: criador e criatura. Essa oscilação, expressa nas suas diferentes formas, como demonstramos muito brevemente, receberá em Nicolau de Cusa, uma atenção especial, ao ponto do cardeal alemão dedicar uma de suas obras à reflexão sobre o olhar. Referimo-nos ao livro *A Visão de Deus* e, a partir de agora, fixaremos o nosso olhar sobre a referida obra.

No início do *De Visione Dei*, Nicolau de Cusa coloca-nos diante de um ícone do olhar divino e convida-nos a uma experiência — inicialmente cercada pela reflexão metafórica — da contemplação mística. Trabalhando com a metáfora do olhar, o Cusano nos põe diante do olhar

⁴ Aristote, *Métaphysique*, tome 1, J. TRICOT (trad. et notes), Paris, 1991, 980a 21-25.

⁵ Plotin, *Ennéades*, Texte établi et traduit par É. BRÉHIER, Paris, 1924-1938, p. 187.

⁶ Agostinho, *Confissões*, M.L.J. AMARANTE (trad.), São Paulo, 1984, pp. 286-289.

⁷ *Ibidem*, p. 289.

do criador e do olhar da criatura. O olhar, nesse sentido, é não só uma forma de ver o outro, como também uma maneira de ser visto por outrem. O olhar divino é criador e amante. O olhar de Deus vê, cria e ama. Nas ações de ver, criar e amar é possível traçar uma relação entre a unidade do olhar criador e a multiplicidade do olhar da criatura. O próprio título da obra cusana já remete, de alguma forma, para essa relação. *A Visão de Deus* ou *De Visione Dei*, pode e deve ser compreendida na sua duplicidade: é tanto a ação de Deus que vê, quanto a ação dos homens que vêem Deus. Ver e ser visto, eis o que implica o título da obra. No entanto, não se trata de uma relação entre atividade ou passividade, mas sim, de uma reciprocidade necessária entre o olhar do criador que tudo abraça e os olhares das criaturas que buscam, nas suas multiplicidades, aproximarem-se do abraço divino.

Em vários capítulos de *A Visão de Deus*, é possível perceber a diferenciação que Nicolau de Cusa faz entre o criador e a criatura e conseqüentemente entre as ações de um e de outro; logo no início, capítulo II, escreve o cardeal alemão:

Na verdade, o nosso olhar segue as paixões do órgão e do ânimo. Daí que alguém veja ora com amor e alegria e mais tarde com dor e com cólera, veja ora como criança, depois como adulto e a seguir dum modo grave e senil. Contudo o olhar desvinculado (*Absolutus*) de qualquer contracção abraça simultaneamente e de uma só vez todos e cada um dos modos de ver como se fosse a medida mais adequada e o modelo mais verdadeiro de todos os olhares⁸.

No capítulo VIII, nos diz o cusano, quando trata da imagem da leitura de um livro:

Quando abro um livro para ler, vejo, de modo confuso, toda a página. E se quero distinguir cada uma das letras, sílabas e palavras, é necessário voltar-me singular e seriadamente para cada uma das letras, não podendo ler senão sucessivamente uma letra depois de outra, uma palavra depois de outra, e um passo depois de outro passo. Mas tu, Senhor, vês simultaneamente toda a página e lês sem qualquer demora temporal⁹.

Já no capítulo XV: «Com efeito, a imagem absoluta é inalterabilidade.

⁸ Nicolau de Cusa, *A visão de Deus*, J.M. ANDRÉ (trad.), Lisboa, 1988, p. 140.

⁹ *Ibidem*, p. 160

A verdade da minha face é mutável, sendo assim verdade por ser imagem. A tua, porém, é imutável, sendo assim imagem por ser verdade»¹⁰.

Os exemplos poderiam ser multiplicados, e assim, ao longo da obra cusana temos uma infinidade de comparações/diferenciações no que toca a esfera divina e a esfera humana. Temos assim: unidade/pluralidade, infinito/finito, complicação/explicação, identidade/diferença, tudo/nada. No entanto, apesar dessas diferenciações, existe um nexos necessário que dá sentido às «oscilações» entre as categorias divinas e as humanas. Vejamos, pois, como é possível estabelecer em meio a essa multiplicidade de conceitos, uma relação de unidade, cujo sentido dinâmico, passa, necessariamente, pelo movimento do criador à criatura e da criatura ao criador. Movimento que no *De Visione Dei* é metaforizado por um dos sentidos: o olhar.

O olhar divino, simbolicamente representado por um quadro, cuja face — na linguagem cusana — por subtil arte de pintura se comporta como se tudo olhasse ao seu redor e é chamado, pelo próprio cardeal ícone de Deus. O olhar da figura abraça em si todos os modos de ver, mas, permanece desvinculado da diversidade; complica em si todas as razões, mas, é a razão absoluta de todas elas. Nesse olhar, a ação de ver não difere da ação de ouvir, gostar, tocar e sentir; no entanto, ele (Deus/olhar) permanece sendo a suprema simplicidade. Em meio a simplicidade divina representada pela imagem do olhar de Deus que tudo abraça simultaneamente; como podemos estabelecer ou pensar em termos de um único movimento que vai do Uno ao múltiplo e do múltiplo ao Uno, num fluxo necessário da relação dinâmica entre o homem e Deus?

Aparentemente, o olhar pode ser pensado como o sentido mais passivo de todos os sentidos. Aristóteles já apontara nessa direção no livro que abre a *Metafísica*, quando afirmara que «mesmo quando não nos propomos nenhuma ação, nós preferimos, a visão a todos os outros sentidos»¹¹. Entretanto, apesar dessa interpretação, é o olhar que Nicolau de Cusa escolhe para revelar o acesso mais fácil à teologia mística. E, mesmo parecendo numa leitura superficial que o olhar de Deus, pelo fato de ver e simultaneamente criar e amar, é ativo; isso não significa que o olhar da criatura, enquanto contemplativo, seja simplesmente passivo. Pelo contrário, o texto de *A Visão de Deus*, em vários momentos, mostra

¹⁰ Ibidem, p. 191

que o olhar do homem para Deus deve conter em si todos os sentidos e principalmente, todo o desejo de alcançar a visão face a face e ser vivificado por ela.

Vejamos sobre isso, algumas passagens significativas. No capítulo IV, escreve o cusano: «... Jamais poderás abandonar-me enquanto eu for capaz de te receber. A mim compete-me fazer quanto puder para ser cada vez mais capaz de te receber». No capítulo VII, nos diz: «De que modo te darás a mim, se não me deres a mim próprio?». E, no capítulo XVIII: «És, todavia, tão nobre, meu Deus, que queres que em liberdade o ser das almas racionais te ame ou não. Por isso, do fato de amares não decorre que sejas amado»¹². Primeiramente, pois, não basta que olhemos para Deus. É preciso que desejemos olhá-lo. Mas, também não basta que somente desejemos, é necessário que sejamos capazes de recebê-lo. Para tanto, como diz Cusa, «... é necessário que todo o homem se dispa do homem velho da presunção e se revista do homem novo da humildade» (Idem, p. 216). É preciso, portanto, que sejamos de nós próprios, como nos responde o «Senhor, quando estamos no silêncio da contemplação: Sê tu teu e eu serei teu». Ora, sermos de nós próprios significa «que os sentidos obedeçam à razão e a razão domine»¹³.

Desse modo, é necessário que os sentidos obedeçam à razão, mas, é necessário também, que esta desloque o seu olhar para as coisas divinas se quiser alcançar a contemplação da face de Deus. Sendo assim, é preciso, primeiramente, passar pela experiência dos sentidos, olhando o olhar de um quadro que nos olha: «Estou perante a imagem da tua face, Deus meu, que vejo com olhos sensíveis, e tento intuir, com os olhos interiores, a verdade que está representada na pintura»¹⁴. Em segundo lugar, refletir sobre o olhar que nos olha, transferindo o olhar omnividente da figura para o olhar divino, uma vez que o cardeal chama-mos atenção logo no primeiro capítulo da sua obra: «... Julgo dever pressupor-se que nada pode aparecer em relação ao olhar do ícone de Deus que não seja mais verdadeiro no verdadeiro olhar de Deus»¹⁵. E, em terceiro lugar, é preciso unir-se a Deus, superando os momentos sensitivo-reflexivo, como nos mostra uma passagem do capítulo VI:

¹¹ Aristote, Op. cit., 980a.

¹² Nicolau de Cusa, *A visão de Deus*, passim.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem, p. 168.

Em todas as faces aparece a face das faces de modo velado e enigmático. Não aparece, realmente, a descoberto, enquanto se não penetra, para além de todas as faces, num secreto e oculto silêncio onde nada resta da ciência ou do conceito de face. Esta é a escuridão, a névoa, as trevas ou a ignorância em que mergulha aquele que procura a tua face quando supera toda a ciência e conceito, aquém do qual a tua face não pode ser vista senão veladamente. Esta escuridão revela que aqui se encontra a face acima de todos os véus¹⁶.

Dessa forma, como tão bem escreveu o prof. João Maria André, o movimento reflexivo só pode concluir-se num terceiro momento em que ultrapassa a dimensão metafórica do olhar para mergulhar na unidade que se intui como desvinculada de qualquer referência sensível, racional ou intelectual¹⁷.

A metáfora do olhar, portanto, permite refletir a relação homem/Deus através do movimento que parte do Uno ao múltiplo (de Deus às criaturas, pela criação) e do múltiplo ao Uno (das criaturas a Deus, através da fé, do conhecimento e do desejo amoroso), uma vez que,

... Só ensinastes duas coisas, Cristo Salvador, a fé e o amor. Pela fé o intelecto aproxima-se do verbo, pelo amor une-se a ele. Na medida em que se aproxima, nessa medida aumenta a virtude. E na medida em que ama, nessa mesma medida se fixa na sua luz¹⁸.

Podemos destacar, nessa passagem, dois “moventes” importantes para a união com Deus: a fé e o amor. Entretanto, não podemos esquecer, nessa mesma obra, a importância dada ao conhecimento e conseqüentemente à razão, uma vez que a nossa liberdade advém exatamente do fato de sermos capazes de pertencermos a nós próprios, através do uso adequado da razão. Posto isso, fé e amor são momentos necessários de um mesmo movimento: o movimento do homem para Deus. É preciso, pois, que a razão domine, que pela fé se volte para as coisas divinas e pelo amor se una a Deus, como o amante se funde com o amado.

Desse modo, à guisa de conclusão, podemos dizer que a metáfora do olhar, utilizada por Nicolau de Cusa no *De Visione Dei*, aponta para a

¹⁵ Ibidem, p. 138.

¹⁶ Ibidem, p. 152.

¹⁷ J.M. ANDRÉ, *Sentido, simbolismo e interpretação no discurso filosófico de Nicolau de Cusa*, Braga, 1997, p. 723.

¹⁸ Nicolau de Cusa, *A visão de Deus*, p. 233.

relação entre o humano e o divino, através dos atos de ver e ser visto, conhecer e ser conhecido, amar e ser amado. Essas ações oscilam entre a unidade amante de Deus, cujo olhar tudo abraça e a multiplicidade/alteridade do olhar humano que no afã de ver o divino se movimenta na sua finitude desejando alcançar o infinito. Movimento cujo esforço é necessário ao homem de fé e que será coroado com a graça da visão que se procura, se se tiver o absoluto como guia, como nos diz o cardeal alemão no capítulo XVII de sua obra:

Esforcei-me por me submeter ao arrebatamento, confiante na tua infinita bondade, a fim de te ver a ti, que és invisível, e ter uma visão revelada irrevelável. Mas sabes onde cheguei. Eu, porém, não sei e basta-me a tua graça com a qual me dás a certeza de que és incompreensível e me elevas à firme esperança de chegar ao gozo de ti, se te escolher como guia¹⁹.

Universidade Estadual da Paraíba - Brasil

¹⁹ Ibidem, p. 203.

